

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Faculdade de Ciências Humanas  
Curso de Graduação em Filosofia**

**Pamelaine Teodoro da Mata**

**SARTRE: ANGÚSTIA E DESAMPARO NA LIBERDADE EXSITENCIAL**

Campo Grande – MS  
2024

**Pamelaine Teodoro da Mata**

**SARTRE: ANGÚSTIA E DESAMPARO NA LIBERDADE EXSITENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para graduação no Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Amir Abdala

Campo Grande – MS  
2024

## Dedicatória

Dedico, com muita emoção, toda a minha trajetória até aqui aos meus amigos e à família que construí ao longo da vida e, posteriormente, na universidade.

Deixo, de antemão, claro o tamanho gigantesco da minha gratidão diante desta conquista, pois minha formação em Filosofia não é apenas o vislumbre de uma profissão que admiro, mas carrega em si o valor intrínseco de um sonho realizado. Isso significa que o ideal de ser professora surgiu ao longo do curso, mas, em um primeiro momento, tratou-se pura e simplesmente de um ideal de ser uma pessoa melhor e de me nutrir com ideias superiores, pela satisfação pessoal de buscar o saber.

Logo, para mim, a Filosofia é, antes de tudo, depois dos meus filhos, aquilo que me inspira a continuar e que permite que minha vida faça mais sentido neste mundo, tantas vezes vazio de sentimentos sublimes.

Diante disso, dedico, primeiramente, este início de trajetória aos meus filhos, Alexandre e Isabella. Sem vocês, meus filhos, não haveria em mim o impulso de persistir em ser melhor. Sem vocês, talvez me faltasse até mesmo a motivação para acordar. Saibam que vocês são meu combustível, minha primeira razão de existir, minha única e melhor família biologicamente gerada. Amo vocês com tudo o que há de melhor em mim. É por vocês, e sempre será por vocês, em primeiro plano.

Dedico também minha trajetória com a Filosofia até aqui a um professor que encontrei por acaso na internet, que talvez nunca tome conhecimento da minha existência, mas que, ainda assim, inspirou-me profundamente: um careca chamado Clóvis de Barros Filho. Para muitos, “filósofos da internet não são, de fato, filósofos”. Bom, em minha infinita ignorância, acredito no oposto. Na minha perspectiva, se um filósofo não tem a capacidade de se fazer entender e de compartilhar seu conhecimento com o público, promovendo mudanças mentais, este, sim, nada aprendeu com a Filosofia. Gratidão, Clóvis! Você me fez melhor, me fez sonhar!

Dedico, ainda, essa conquista aos poucos que acreditaram em mim, em especial ao pai do meu filho, Zeydione Silva Almeida, que, infelizmente, não pôde estar ao meu lado durante esse tempo. Obrigada por ter sido para mim o pai, amigo e esposo que eu jamais tive. Você me ensinou muito, tanto pela sua vida quanto através da sua partida deste mundo. Queria muito que você pudesse estar presente neste momento tão importante. Em lembrança, porém, você sempre estará!

É com imensa satisfação que ofereço a concretização deste ideal aos meus amigos, minha segunda família: Cinthya Moraes, Jaqueline Silva, Felipe Lima, João Evandro, Rafael Amado e Jorge Júnior. Cada um de vocês, à sua maneira, contribuiu para a realização deste sonho.

Serei eternamente grata. Obrigada por acreditarem em mim, especialmente quando nem mesmo eu acreditava.

Com vocês, minha existência é mais valorosa e feliz!

À minha família e amigos, todo o meu amor e gratidão.

## Agradecimentos

Aqui, demonstro toda a minha gratidão aos meus parceiros de jornada em minha trajetória na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Em primeiríssimo lugar, ofereço meus sinceros agradecimentos ao professor Amir Abdala ou, como um colega se referiu a ele por desatenção, “Amor Abdala”. Apesar do aparente engano na escrita, a expressão não carrega um erro de fato, pois sua forma de lecionar realmente se assemelha ao significado que a palavra *amor* representa.

É com todo respeito e admiração que declaro cada palavra aqui, pois o senhor foi o primeiro professor a reconhecer meu potencial. Com isso em mente, não aceitou de mim menos do que o meu melhor, mas também levou em consideração todas as minhas limitações, respeitando minha subjetividade.

Professor, obrigada por ter me enxergado de humano para humano, por ter a capacidade de reconhecer a forma de ser de cada aluno que está sob sua orientação. Sua empatia e dedicação fazem toda a diferença no nosso aprendizado e na forma como nos sentimos acolhidos no ambiente acadêmico. Obrigada por ensinar com tanto respeito e humanidade.

Agradeço igualmente aos professores Erikson Santos, Ronaldo Moraca e Vivina. Vocês foram muito importantes para mim nesse processo, por demonstrarem tanto tato ao lidar com seus discentes. Para mim, a empatia é realmente um dos valores mais sublimes, e, nesse aspecto, vocês me surpreenderam positivamente. Sei que tal característica não é uma obrigação da profissão, mas, em minha humilde opinião, quem a possui transcende a excelência. Vocês fizeram valer a célebre frase de Carl Gustav Jung: "Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana."

Por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente às minhas colegas de curso, que dividiram comigo um pouco de suas existências: Déborah Rojas, Andressa Vieira e Herma. Vocês me acolheram de uma forma tão linda e genuína que, muitas vezes, foram o maior combustível para eu não desistir da minha formação.

Obrigada por serem meu abraço nos dias difíceis, pelas cobranças necessárias quando algo me deixava confusa e pelos sorrisos presos em mim, que suas presenças insistiam em libertar.

Neste momento, minha trajetória acadêmica aqui se encerra, e é com muita alegria que tenho vocês para compartilhar essa conquista. Quando chegar o momento de vocês finalizarem suas jornadas, com certeza estarei presente para aplaudi-las com muita emoção.

Encerram-se aqui a convivência diária, as trocas de mensagens sobre disciplinas e as questões em torno da graduação. Mas, para mim, jamais se encerrarão a amizade e a admiração que tenho por cada uma de vocês.

## Resumo

O presente trabalho tem como meta discutir o conceito de liberdade na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, com maior foco em sua relação com a angústia e o desamparo. A liberdade, compreendida como condição essencial da existência humana, é apresentada em sua dimensão de responsabilidade total pelos atos e escolhas. Inicialmente, analisamos como Sartre defende a tese de que a existência precede a essência, afastando-se de qualquer forma de determinismo ou natureza humana predefinida, o que é basilar para sua concepção de subjetividade como um processo constante de autoconstrução. Em seguida, exploramos como a angústia surge da amplitude da liberdade, sendo inseparável da responsabilidade pela própria existência e pela humanidade como um todo. Também tratamos do conceito de desamparo, representado como a inexistência de normas ou valores externos previamente estabelecidos, o que exige que cada ser humano crie as leis morais. Por fim, investigamos como a liberdade, a angústia e o desamparo se entrelaçam na criação da moralidade, ressaltando o compromisso ético de cada escolha no contexto da intersubjetividade. Com isso, pretende-se evidenciar como Sartre conceitua a liberdade existencial, destacando sua inseparabilidade da angústia e do desamparo na fundamentação da responsabilidade e da ação humana.

**Palavras-chave:** Angústia. Desamparo. Existência. Jean-Paul Sartre. Liberdade.

## **Abstract**

The aim of this paper is to discuss the concept of freedom in Jean-Paul Sartre's existentialist philosophy, focusing on its relationship with anguish and helplessness. Freedom, understood as an essential condition of human existence, is presented in its dimension of total responsibility for one's actions and choices. Initially, we analyze how Sartre defends the thesis that existence precedes essence, distancing himself from any form of determinism or predefined human nature, which is basic to his conception of subjectivity as a constant process of self-construction. Next, we explore how anguish arises from the breadth of freedom, being inseparable from responsibility for one's own existence and for humanity as a whole. We also deal with the concept of helplessness, represented as the lack of previously established external norms or values, which requires each human being to create moral laws. Finally, we investigate how freedom, anguish and helplessness are intertwined in the creation of morality, highlighting the ethical commitment of each choice in the context of intersubjectivity. The aim is to show how Sartre conceptualizes existential freedom, highlighting its inseparability from anguish and helplessness in the foundation of responsibility and human action.

**Keywords:** Anguish. Helplessness. Existence. Jean-Paul Sartre. Freedom.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	8
<b>1 Subjetividade e liberdade</b> .....	10
1.1 Sartre e as críticas ao existencialismo.....	10
1.2 A precedência da existência sobre a essência.....	11
1.3 A subjetividade no existencialismo sartriano.....	14
<b>2 Angústia e desamparo</b> .....	17
2.1 Liberdade, responsabilidade e angústia.....	17
2.2 A angústia: de Kierkegaard a Sartre.....	18
2.3 O desamparo na existência humana.....	20
<b>3 Liberdade, angústia e desamparo na criação do ato moral</b> .....	23
3.1 A condição humana.....	23
3.2 A existência e o compromisso moral.....	25
<b>Considerações finais</b> .....	28
<b>Referências bibliográficas</b> .....	31

## Introdução

Jean-Paul Sartre foi um filósofo, escritor e dramaturgo francês que viveu de 1905 a 1980. Ele fundamentou a filosofia existencialista com teses muito originais, garantindo uma teoria requintada sobre a condição humana. Este trabalho dedica-se ao exame de aspectos da perspectiva existencialista sartriana.

O ensaio *O existencialismo é o humanismo*, publicado em 1946, é a base para esta análise. Tal obra é fruto de uma palestra dada por Sartre a fim de explicar didaticamente em que consiste, de fato, seu existencialismo. Com essa explicação, o filósofo pretendia enfrentar as críticas à sua concepção existencialista, pois, segundo ele, as objeções apresentadas eram resultado, em certa medida, da incompreensão de sua proposta.

No referido texto, Sartre parte do pressuposto de que o ser humano é lançado à existência, isto é, não existe um Deus como criador, assim como também não existem normas preestabelecidas que possam guiar sua trajetória, nem mesmo justificá-la antecipadamente. Nesse sentido, sua visão filosófica existencialista se afasta das tradicionais concepções de natureza humana.

De acordo com Sartre, os seres humanos existem inicialmente como um nada, construindo suas essências por meio de suas próprias escolhas, escolhas estas que somente os indivíduos podem fazer, assim como também cabem somente a eles as responsabilidades por suas decisões. A liberdade, então, é a condição primeira da existência. Por isso, para Sartre, os seres humanos são amplamente livres e totalmente responsáveis por tudo aquilo que fazem.

Na liberdade existencial, manifesta-se a angústia. A angústia em face da responsabilidade acompanha os seres humanos ao longo de seus percursos existenciais. Não há como fugir da liberdade, assim como não há como fugir das responsabilidades que suas escolhas implicam. Sem um Deus que possa guiá-los ou justificá-los, os seres humanos, além de angustiados, percebem-se desamparados em suas escolhas e decisões: sem regras, sem normas, sem rumo previamente estabelecido, cumpre somente a eles a construção de seus caminhos e dos sentidos morais de suas ações.

Nesse contexto, a questão central da pesquisa proposta é: de que forma angústia e desamparo se articulam na conceituação de liberdade existencial sartriana? Em síntese, procuramos compreender como Jean-Paul Sartre associa essas noções em sua proposta filosófica existencialista.

O desenvolvimento deste trabalho divide-se em três capítulos, os quais exploram os temas centrais da liberdade, angústia e desamparo na filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, relacionando-os à criação do ato moral e à condição humana.

No primeiro capítulo, intitulado *Subjetividade e liberdade*, introduzem-se as bases da filosofia existencialista sartriana. Inicialmente, abordam-se as críticas ao existencialismo, especialmente as provenientes de marxistas e cristãos, que acusam essa corrente de promover o individualismo e o pessimismo. Posteriormente, analisa-se a máxima sartriana de que “a existência precede a essência”, que, em certa medida, condensa o ponto de vista existencialista desse filósofo. Por fim, discute-se a subjetividade no existencialismo sartriano como um processo relacional e dinâmico, que integra a liberdade como sua característica fundamental.

O segundo capítulo, *Angústia e desamparo*, trata do vínculo intrínseco entre liberdade, responsabilidade e angústia. Examina-se como Sartre herda e transforma o conceito de angústia de Kierkegaard, demonstrando que a liberdade radical conduz a um estado permanente de angústia. Em seguida, apresenta-se o conceito de desamparo, que reflete a ausência de valores ou normas externas predefinidas, exigindo que cada indivíduo invente sua própria moral e assuma integralmente a responsabilidade por suas escolhas.

Por fim, no terceiro capítulo, *Liberdade, angústia e desamparo na criação do ato moral*, discute-se a ética existencialista sartriana. Partindo de exemplos concretos, como o dilema de um jovem aluno apresentado por Sartre, analisa-se como os seres humanos criam suas leis morais por meio de suas ações no mundo. Aborda-se também a noção de universalidade da condição humana, evidenciando-se ainda como as escolhas individuais implicam toda a humanidade. O capítulo se encerra com uma reflexão sobre o compromisso moral no contexto da intersubjetividade e os limites impostos pelas situações concretas da existência.

Dessa forma, busca-se demonstrar, como os conceitos de liberdade, angústia e desamparo se articulam na filosofia de Sartre, oferecendo uma compreensão ampla sobre sua visão da condição humana e do ato moral.

## 1 Subjetividade e liberdade

### 1.1 Sartre e as críticas ao existencialismo

Jean-Paul Sartre publica o ensaio *O existencialismo é um humanismo* em 1946. Esse texto é fruto de uma palestra ministrada por Sartre com o intuito de expor de forma didática os principais conceitos propostos em sua teoria, bem como com o propósito de responder às críticas a ela endereçadas, críticas que, segundo esse filósofo, distorciam completamente sua doutrina. Essas contestações à concepção existencialista sartriana procediam de diferentes segmentos sociais, principalmente de intelectuais marxistas e de pensadores cristãos (Sartre, 2004, p. 197-198).

Os marxistas de sua época diziam que a filosofia existencialista de Sartre levaria os seres humanos ao quietismo do desespero, paralisando-os diante da vida. Em outras palavras, os marxistas julgavam o existencialismo como uma teoria contemplativa, que apenas observa a existência e apresenta reflexões sobre ela, sem que se mova em direção à realização de algo relevante no mundo.

Argumentavam ainda que a perspectiva existencialista se concentra apenas no indivíduo, na subjetividade individual, ignorando as relações sociais como um todo e inviabilizando, assim, ações transformadoras na sociedade. Para os marxistas, o ponto de vista existencialista da subjetividade é prejudicial ao desenvolvimento da consciência de classe e às transformações revolucionárias da vida em sociedade<sup>1</sup>.

Já os cristãos se posicionavam como críticos, sobretudo, do que entendiam ser as consequências morais negativas da filosofia existencialista. O cristianismo não somente considera a existência de um Deus, como também baseia-se na crença de que os textos sagrados contêm uma série de regras e preceitos morais a serem seguidos por todos os indivíduos. E o existencialismo, quando propõe que Deus não existe, automaticamente admite a inexistência de parâmetros morais que devem prescrever as condutas humanas no mundo. Diante disso, para os cristãos, tal filosofia conduziria os seres humanos a uma espécie de desregramento moral, em que eles estariam autorizados a fazer escolhas imorais e a viver unicamente conforme seus desejos e caprichos.

---

<sup>1</sup> Embora tenha recebido críticas de marxistas, Sartre não se considerava adversário do marxismo. Em textos publicados após *O existencialismo é um humanismo*, especialmente em *Crítica da razão dialética* (1960), ele procurou conciliar o existencialismo com o materialismo dialético (marxismo). Além disso, aliou-se politicamente à causa do socialismo. Thomas Ransom Giles examina detalhadamente esse tema no capítulo dedicado a Sartre em seu livro *História do existencialismo e da fenomenologia* (1989, p. 273-312).

Sartre registra ainda que, de modo geral, os críticos do existencialismo acusam-no de ser uma doutrina pessimista, exaltando o que há de pior na existência humana, como a angústia e o desamparo diante de uma vida sem sentido. Além disso, acusam essa teoria filosófica de promover o individualismo, levando os seres humanos ao egoísmo. Nesse sentido, afirmam que o existencialismo, ao adotar a subjetividade humana como ponto de partida para a explicação da realidade, ignora as relações sociais e as condições históricas e econômicas nas quais os seres humanos vivem.

Em face dessas observações, Sartre declara sua suspeita de que a repulsa ao existencialismo decorre, na realidade, do otimismo de sua proposta filosófica, e não do alegado pessimismo. Afinal, de acordo com ele, o existencialismo defende a liberdade radical, o que induz os seres humanos a assumirem a autonomia e a responsabilidade em suas existências. Os seres humanos são livres para escolher, sem que possuam modelos ou normas externas que definam o que devem fazer. Logo, o filósofo presume que os críticos se espantem exatamente com a ampla possibilidade de escolhas, já que, para eles, seria mais cômodo que as ações na vida humana possuíssem determinações prévias (2004, p. 199-200).

## **1.2 A precedência da existência sobre a essência**

Para o existencialismo de Sartre, a existência precede a essência nos seres humanos (2004, p. 200) – não há determinismo que fixe antecipadamente o que os seres humanos são. Os seres humanos são livres para escolher a vida que pretendem levar e para construir seus modos de ser a partir de sua subjetividade. O otimismo, enfatiza Sartre, reside justamente nesse horizonte de possibilidades abertas para os seres humanos.

É preciso, então, compreender o significado da subjetividade existencial na filosofia de Sartre. Contrariando a tradição da antropologia filosófica baseada no conceito de natureza humana, segundo o qual há características que delimitam uma essência de humanidade presente em todos os seres humanos, Sartre, conforme anunciamos antes, declara que a existência humana precede a essência. Isto é, o ser humano, inicialmente, não é nada; surge no mundo e, somente a partir disso, será. Em outras palavras, os seres humanos não são exemplares de uma natureza que os defina essencialmente. Para Sartre, a essência de cada ser humano se constitui incessantemente naquilo que ele faz de si no decorrer de sua existência.

Em *O existencialismo é um humanismo*, Sartre utiliza o exemplo do corta-papéis para explicar a diferença entre a condição existencial dos seres humanos e a realidade dos demais seres e objetos do mundo (2004, p.200-202). Ele, então, relata que aquele que fabrica tal objeto

tem, anteriormente, em seu intelecto o seu conceito e a sua função, assim como as regras para a sua fabricação.

Com isto, Sartre pretende demonstrar que, no caso do corta-papéis, ou mesmo de outros objetos fabricados, sua essência e seu propósito já estão definidos anteriormente à sua fabricação. Isto é, o indivíduo, quando se propõe a criar algo, já sabe que tal objeto deverá cumprir uma função determinada para suprir uma necessidade específica. Assim, no caso do corta-papéis, sua essência precede a existência, e, ainda que este se difira, em alguma medida, de outros corta-papéis, todos esses objetos possuem necessariamente a mesma essência, que os define universalmente.

Sartre assinala que, em sentido análogo ao do artífice que tem em sua mente a essência do objeto, ao acreditarmos em um Deus criador, supomos automaticamente que a função e a essência da humanidade já são preexistentes na mente divina.

Conforme as palavras do filósofo:

Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo determinadas técnicas e em função de determinada concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Desse modo, o homem individual materializa certo conceito que existe na inteligência divina. (Sartre, 2004, p. 201).

No trecho destacado, Sartre também contextualiza que a visão teológica em torno da criação pressupõe que toda a humanidade veio ao mundo por meio de Deus. Desse ponto de vista, assim como os artífices que fabricam os corta-papéis tendo em vista uma função e um propósito, Deus, ao criar a humanidade, já tem em si a função e um propósito para os seres humanos. Logo, a essência do ser humano já existiria no projeto de Deus para a humanidade, e os diversos seres humanos seriam caracterizados pela mesma essência.

Essa essência de origem criacionista é o que, na antropologia filosófica, corresponde ao conceito de natureza humana, noção que Sartre descarta por não admitir a existência de um Deus criador, o que significa dizer que, se Deus não existe, não há um projeto pronto e único para a humanidade.

Nesse sentido, Sartre observa que os filósofos ateus, suprimem, evidentemente, a ideia de Deus, mas não descartam a noção de natureza humana, o que para ele é incoerente, visto que, do seu ponto de vista filosófico, para haver natureza humana, seria necessário um Deus que a determinasse (2004, p. 202-202). Entretanto, ainda há aqueles pensadores que, mesmo abandonando o pressuposto criacionista, estabelecem características que pertenceriam ao ser de

toda a humanidade. Definem, assim, uma noção própria de natureza humana que se aplica a todos os indivíduos, independentemente de seu local de nascimento ou da cultura de seu povo. Ambos os posicionamentos, tanto o cristão quanto o de pensadores ateus, postulam uma definição universal de humanidade – qualidades essenciais com as quais já nasceriam todos os seres humanos.

Para Sartre, é necessário extrair todas as consequências filosóficas do ateísmo nas reflexões sobre os seres humanos. O existencialismo ateu que o filósofo defende parte da premissa de que a existência precede a essência. Consequentemente, os seres humanos existem no universo e, inicialmente, não são nada; suas essências passam a existir estritamente enquanto eles percorrem os caminhos que estabelecem para si. Na filosofia existencialista, os seres humanos existem, surgem no mundo e, somente a partir de suas escolhas, formam continuamente suas essências, que jamais recebem uma forma completa e definitiva.

Dessa forma, o existencialismo sartriano, ao utilizar o ateísmo como ponto de partida, renuncia a um modelo preexistente que defina a humanidade com alguma característica universal ou com um propósito anteriormente estabelecido. Portanto, os seres humanos se tornam os únicos responsáveis por inventarem a si próprios, sem nenhuma base em que se ancorar.

Segundo o filósofo:

O existencialismo ateu, que represento, é mais coerente. Declara ele que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger<sup>2</sup>, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si, surge no mundo e só posteriormente se define. (Sartre, 2004, p. 202).

Nesse aspecto, uma vez lançado no mundo, os seres humanos se percebem, se reconhecem e se constroem, impulsionando-se em direção aos seus projetos existenciais. A possibilidade de se perceber e de se projetar é o que difere os seres humanos dos outros entes da natureza ou objetos. Para Sartre, o ser humano é o projeto do ser humano, o que significa dizer que, enquanto vive, está em constante *vir a ser* como uma obra que não se finda. Delineia-se, nesses termos, a noção de subjetividade no existencialismo sartriano.

---

<sup>2</sup> Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, exerceu grande influência no pensamento de Sartre. Sua obra *Ser e tempo*, publicada em 1927, realiza a analítica existencial, que se tornou uma das bases fundamentais para o desenvolvimento do existencialismo sartriano.

### 1.3 A subjetividade no existencialismo sartriano

Para compreender o que Sartre entende por subjetividade, é necessário tratar do que o pensador admite como consciência humana. Nesse sentido, em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, Sartre utiliza o primeiro cogito cartesiano (“penso, logo existo”) como base para iniciar a reflexão em torno da individualidade. Entretanto, Sartre reelabora a perspectiva cartesiana (2004, p. 220-226), sugerindo que a consciência não é algo cuja existência se constata a despeito do conjunto da realidade, como defendia o filósofo moderno René Descartes (1596-1650).

Descartes, por meio da dúvida hiperbólica<sup>3</sup>, questionava tudo e todos em busca de uma verdade segura, colocando à prova toda espécie de conhecimento, inclusive a existência de si e dos outros. Na quarta parte de *Discurso do método* (2000, p.61-68), Descartes admite ter chegado à sua primeira verdade irrefutável: ao perceber que duvidava, logo constatou pensar, pois, para duvidar, é necessário pensar sobre aquilo que se questiona. A partir dessa premissa, descobriu que, para haver pensamento, seria estritamente necessário que existisse um ser pensante. Assim, deu-se conta de sua existência como verdade primeira, originando a célebre frase do *cogito*: “Penso, logo existo” (2000, p. 62).

Dito de outra forma, em seu exercício metódico e radical da dúvida, esse filósofo não poderia duvidar do fato de que pensava, de que era uma substância pensante. Assim, para esse filósofo, a consciência é a certeza inicial, e sua realidade independe da realidade de todas as outras coisas, do mundo externo a essa subjetividade.

Sartre concorda parcialmente com Descartes, por defender que, em primeira instância, o ser humano se apreende em si, se percebe enquanto existente. Porém, discorda de Descartes quanto à sua noção segundo a qual a consciência ou, como ele define, a substância pensante, evidencia apenas a existência de si, permanecendo incerta a existência dos objetos externos e dos outros seres humanos. Isso coloca a consciência e a construção de sua subjetividade em uma posição isolada do mundo real.

É justamente neste ponto que Sartre se afasta da concepção cartesiana de subjetividade, visto que, para ele, uma vez que o ser humano se apropria de sua existência e se percebe

---

<sup>3</sup> René Descartes, em *Discurso do método* (2000, p. 49-50), apresenta uma metodologia para orientar o pensamento na busca pelo conhecimento verdadeiro. Ele formula quatro regras principais: considerar como verdadeiro somente aquilo que não suscite dúvidas; fragmentar os problemas em tantas partes quantas forem necessárias para resolvê-los gradualmente; progredir no raciocínio partindo dos aspectos mais simples aos mais complexos; e revisar detalhadamente cada etapa para assegurar sua correção. A dúvida hiperbólica, também chamada de ceticismo metodológico, se expressa na primeira dessas regras.

consciente de si no mundo, ele necessariamente se revela como consciente dos objetos e das outras pessoas.

Nesse sentido, Sartre se apropria, em larga medida, da influência da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) para demonstrar a consciência humana, que, para ele, é sempre intencional. Logo, a consciência está em constante movimento para o externo, direcionada ao mundo, aos objetos ou a outras consciências. Dessa forma, a consciência não é uma substância autocentrada, mas sim sempre consciência *de* algo ou alguém.

No livro *Introdução à fenomenologia*, Robert Sokolowski diferencia a concepção de consciência intencional do *predicamento egocêntrico* da conceituação tradicional de consciência:

Nas tradições cartesiana, hobbesiana e lockiana, que dominaram nossa cultura, nos foi ensinado que, quando estamos conscientes, estamos principalmente conscientes de nós próprios ou de nossas próprias ideias. A consciência é tomada por ser como uma ilusão ou um gabinete fechado; a mente vem em uma caixa. Impressões e conceitos ocorrem nesse espaço fechado, nesse círculo de ideias e experiências, e nossa consciência é direcionada a eles, não diretamente direcionada às coisas “fora”. [...] Estamos tratando do que tem sido chamado “predicamento egocêntrico”; tudo de que poderemos estar realmente certos de início é da existência de nossa própria consciência e dos estados dessa consciência. (2004, p. 18).

De forma distinta, a noção fenomenológica de intencionalidade compreende a consciência necessariamente correlata aos seus objetos. A consciência não é uma substância, mas sim uma realidade relacional em que mente e mundo são indissociáveis.

Na filosofia sartriana, essa intencionalidade característica da consciência é o que rompe com o *cogito* de Descartes, pois a consciência já não é mais concebida como algo isolado e autossuficiente. É por meio desse movimento em direção ao outro que se origina a subjetividade como intersubjetividade no existencialismo de Sartre, uma vez que a consciência está sempre se relacionando com o mundo e se construindo em um constante *vir a ser*. A consciência, então, tem a liberdade em sua própria constituição, pois pode sempre projetar-se em algo que a transforme – ela é sempre transcendente.

Ademais, o fato de a consciência se caracterizar pela intencionalidade reforça a noção de *nada* na teoria de Sartre, já que ela não possui um aspecto definido. Ou seja, o *nada* pode sempre projetar-se. A consciência permite criar possibilidades, questionar o mundo, agir em prol da modificação da realidade e, além disso, promove a percepção da liberdade e da consciência dos outros.

Em síntese, a subjetividade existencial não é estritamente individual, pois os seres humanos apreendem a si na mesma medida em que descobrem, em sua consciência, a existência de todos os outros seres humanos. A subjetividade é, em linguagem precisa, intersubjetividade na qual as consciências existem em relações entre si e com o mundo.

Dessa forma, a teoria existencialista não pode ser individualista ou egoísta, pois, ao perceber sua liberdade, o indivíduo também percebe a liberdade do outro e os fatores ambientais que influem em ambos, compreendendo-os como condições essenciais para a sua própria liberdade. Logo, é impossível identificar a sua liberdade sem admitir a liberdade de todos os seres humanos.

Segundo Sartre:

Para obter qualquer verdade sobre mim, necessário é que eu passe pelo outro. O outro é indispensável à minha existência, tal como aliás ao conhecimento que eu tenho de mim. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade descobre-me ao mesmo tempo o outro, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade posta em face de mim, que nada pensa e nada quer, senão a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide sobre o que ele é e o que são os outros. (2004, p. 221).

Nesse plano da intersubjetividade, destaca-se a centralidade do conceito de liberdade no existencialismo sartriano. Sartre afirma que o ser humano é liberdade, pois, uma vez que existimos no mundo, somos livres para construirmos nossos modos de ser a partir de nossas escolhas. Para Sartre, o ser humano está condenado à liberdade; condenado, pois não se decidiu pela sua existência e, uma vez no mundo, é totalmente livre para escolher, sendo impossível não escolher, visto que até mesmo quando se nega a escolher, ainda assim está escolhendo (2004, p. 209).

## 2 Angústia e desamparo

### 2.1 Liberdade, responsabilidade e angústia

Na filosofia de Sartre, o conceito de escolha está totalmente entrelaçado aos conceitos de liberdade e de responsabilidade, isto é, o existencialismo identifica o ser humano na posição de legislador de sua própria existência, sendo ele o único responsável por escolher seu projeto. Ademais, a liberdade de escolha e a responsabilidade que a acompanha são amplas, não se restringindo apenas à individualidade do sujeito, mas sim se estendendo a toda a humanidade. Quando um ser humano define algo como certo e bom para si, acaba por julgar que é o certo e bom para todos. Logo, se um indivíduo, por exemplo, estabelece em sua subjetividade que o correto ou bom é que se case e tenha filhos, de certa forma espera que todas as sociedades sejam constituídas dessa mesma estrutura familiar.

Conforme Sartre:

Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. (2004, p. 204).

Diante da responsabilidade total que se impõe aos seres humanos, revela-se o que Sartre chama de angústia: um sentimento que acompanha o ser humano quando ele reconhece que apenas ele pode escolher quem deseja ser e percebe que essa responsabilidade abrange toda a humanidade. Nesse contexto, os seres humanos vivem continuamente angustiados, sem possibilidade de fuga. A angústia se manifesta diariamente, desde situações que, aparentemente, envolvem escolhas simples, como alimentar-se de forma saudável, até decisões mais complexas, como permanecer no país de origem ou mudar-se para o exterior.

Ademais, para Sartre, não há como fugir dessa inquietude, a não ser por má-fé. Por má-fé se entende, na filosofia sartriana, a conduta do ser humano que tenta se esquivar de sua liberdade e responsabilidade, ancorando-se em um suposto determinismo. Trata-se, assim, de uma forma de autoengano na qual o indivíduo terceiriza a responsabilidade de escolha, projetando as razões de sua conduta em fatores que independeriam de suas decisões (Sartre, 2004, p.205).

A angústia, portanto, é inevitável – a má-fé apenas pode disfarçá-la. As diversas possibilidades de escolha e a responsabilidade que lhes é inerente atormentam os seres

humanos, já que, ao escolherem um caminho, inevitavelmente abandonam todos os outros e, além disso, escolhem por toda a humanidade – afirmam suas visões de como devem ser todos os seres humanos.

## 2.2 A angústia: de Kierkegaard a Sartre

O conceito de angústia no existencialismo sartriano inspira-se nas considerações do dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), filósofo que é considerado o precursor do existencialismo. Neste momento, então, é interessante observarmos brevemente o conceito de angústia na filosofia de Kierkegaard<sup>4</sup>.

Para Kierkegaard, os seres humanos existem em um processo constante de *vir a ser* (Giles, 1989, p. 5-26). Ele fundamenta sua filosofia no cristianismo e acredita que a vida humana é criação divina. Dessa forma, os seres humanos vivem entre a necessidade e a liberdade. A necessidade consiste no fato de que suas existências foram concebidas por Deus. A liberdade, por sua vez, diz respeito à realidade em que, enquanto existentes, os seres humanos se encontram livres para construir-se ou destruir-se na construção de suas subjetividades.

Diante desta realidade da liberdade de escolha, os seres humanos se angustiam, pois se dão conta de que são inteiramente responsáveis por decidirem diante de tantas possibilidades. A angústia está intrinsecamente ligada à liberdade, e tentar fugir deste sentimento, além de ser uma tentativa inútil, levaria os seres humanos a um estágio ainda mais melancólico. Além disso, para Kierkegaard, a angústia tem um papel crucial na existência, visto que é ela que produz a inquietação que impulsiona os seres humanos à sua autoconstrução: ela é a disposição permanente de seres indeterminados que pressentem que são maiores que suas realidades imediatas.

Em sua *História do existencialismo e da fenomenologia*, Thomas Ransom Giles pondera sobre o conceito de angústia em Kierkegaard:

Na angústia todo o sentido da existência cede lugar a uma dúvida universal sem esperança. O indivíduo deixa de ter um arrimo em que se apoiar. Lança-se na procura de alguma coisa a que agarrar-se e só alcança o vácuo, vindo a sentir-se em poder da mais absoluta solidão e abandono. Entretanto, é só através dela que o homem pode elevar-se à existência autêntica. A angústia aniquila nele todas as seguranças habituais para o entregar ao abandono donde unicamente pode surgir a existência autêntica. (1989, p. 19).

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que a análise aqui desenvolvida não se baseia na leitura direta das obras de Kierkegaard, mas na apresentação de sua filosofia realizada por Thomas Ransom Giles em *História do existencialismo e da fenomenologia* (1989, p. 5-22).

Segundo Kierkegaard, há três estádios da existência (Giles, 1989, p.9-11), e o único meio de viver uma existência menos angustiante é alcançar o terceiro estádio, o religioso, e se reconciliar com Deus, o criador, por meio do que o filósofo define como salto da fé. Vale ressaltar que, para Kierkegaard, nenhum estádio é fixo: o ser humano é livre para transitar entre todos os três em diferentes momentos da vida, é sempre convocado a decidir e pode, com suas escolhas, retornar a um estádio em que já se situou anteriormente. Esses diferentes estádios são o estético, o ético e o religioso.

Em um primeiro momento, os seres humanos experimentam o estádio estético, que seria um estádio da existência no qual eles se concentram nos prazeres imediatos que a vida pode proporcionar, sem refletirem sobre nada, deixando-se conduzir por uma vida aparentemente sem princípios e sem propósito. Neste estádio, Kierkegaard afirma que a angústia surge no momento do tédio e da superficialidade que os indivíduos enfrentam, visto que os prazeres de uma existência sem propósito são efêmeros. Logo, a liberdade nesse estádio se volta para a realização de todos os prazeres possíveis como uma busca impulsiva em direção à fuga da angústia, o que, na realidade, reforça tal disposição, visto que uma existência sem direção é a raiz da angústia neste estádio.

No estádio ético, os seres humanos escolhem assumir uma postura reflexiva perante a existência, o que faz com que eles passem a tomar decisões julgadas moralmente corretas, considerando as leis morais e sociais – eles não se movem mais por puro impulso em direção a prazeres transitórios. Ainda assim, no estádio ético, segundo Kierkegaard, os seres humanos não alcançam a realização total, visto que sua existência permanece ancorada em fatores externos – prevalecem os padrões sociais sobre a subjetividade. Isto é, os seres humanos estão projetando a si mesmos com base em leis e convenções sociais. Nesse sentido, eles permanecem consideravelmente alheios à sua interioridade; logo, a angústia das incertezas perdura.

No estádio religioso, os seres humanos não vivem mais em busca dos prazeres nem mesmo se restringem a compromissos morais. Pelo salto da fé, os seres humanos se reconciliam com seu criador e passam a existir de maneira mais autêntica. Dessa forma, as certezas perante a existência se tornam mais firmes, visto que agora os valores são eternos e fixos por serem garantidos pelo único ser transcendente e imutável: Deus<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> No estádio religioso, encontram-se traços do estético, como a alegria, e do ético, como a ideia de bem. Kierkegaard refere-se ao salto para a fé como algo absurdo, mas tal absurdo é compreendido apenas do ponto de vista racional, sendo que, para ele, a razão não é suficiente para explicar a totalidade da existência (Giles, 1989, p. 5-22).

Kierkegaard utilizou-se da passagem bíblica sobre Abraão para exemplificar o salto para o estágio religioso (Giles, 1989, p.10-11). De acordo com o texto bíblico, Deus envia um anjo que pede a Abraão que sacrifique seu único filho como prova de sua fé.

Abraão, então, ignora a lei moral que estabelece ser proibido matar e leva seu filho para a morte. Percebendo Deus que Abraão era um ser fiel, envia-lhe novamente um anjo que interrompe o sacrifício e oferece um carneiro para morrer no lugar de Isaac, dando-lhe, assim, a provisão como resposta à sua fidelidade.

O estágio religioso é o nível mais elevado da existência para Kierkegaard, pois é o instante em que o ser humano encontra uma base sólida em Deus para sua liberdade mais autêntica, realizando o encontro entre o finito e o infinito, o temporal e o eterno.

Diante do exposto, podemos notar que tanto em Kierkegaard quanto em Sartre, os seres humanos inicialmente são indeterminados e protagonistas livres em *seu vir a ser*, responsáveis pela construção de suas subjetividades. Nas filosofias de ambos, a angústia provém da conjugação entre indeterminação, liberdade e responsabilidade.

Porém, se em Kierkegaard a filosofia converge com a teologia, o existencialismo de Sartre é ateu. Para o filósofo dinamarquês, então, construir aquilo que somos no percurso da existência tem uma tarefa a ser realizada, a busca da reconciliação da subjetividade com a eternidade e com Deus. Para Sartre, não somos nada, não há um Deus, tampouco há uma tarefa prévia ou uma meta que deveria mobilizar a existência. Enquanto na filosofia de Kierkegaard a liberdade e a angústia podem constituir o caminho que leva os seres humanos à transcendência por meio da fé, para Sartre não existem nem mesmo um objetivo pressentido e valores pelos quais os seres humanos possam se orientar em sua angústia para se constituírem.

Sartre declara a angústia em palavras fortes:

O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que também é um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (2004, p. 205).

### **2.3 O desamparo na existência humana**

Para Sartre, os seres humanos, permanentemente angustiados, não têm um legítimo quadro de referências que prescreva suas escolhas. Nesse sentido, é interessante notar que o filósofo, mencionando Kierkegaard, retoma a passagem bíblica em que Abraão é convocado pela voz de um anjo para sacrificar seu filho Isaac, porém interpretando-a de forma diferente, (2004, p. 205-207).

Sartre, através da história de Abraão, nos leva a compreender que o conceito de angústia para ele está na amplitude da responsabilidade desacompanhada de suporte externo. Para ele, Abraão seria o único responsável não apenas pela ação de sacrificar seu filho, mas também pela interpretação dessa ordem. Sartre observa que não há nada que comprove se a ordem veio do anjo ou se foi uma mera construção mental, mas que, independentemente da origem de tal mandamento, toda a responsabilidade, acompanhada da angústia, seria totalmente de Abraão e de ninguém mais: Abraão toma sua decisão baseado em uma suposta ordem externa, porém ele mesmo decidiu que há essa exigência divina. Na realidade, o que parece ser uma referência exterior é uma escolha pela qual somente Abraão é responsável.

Por conseguinte, outro conceito apresentado por Sartre é o desamparo. Como o existencialismo proposto por ele segue o ateísmo, os seres humanos se percebem sós no mundo, sem exemplos que possam servir de base para suas escolhas, sem regras exteriores que mostrem as decisões a serem escolhidas. Se Deus não existe, também não há valores predefinidos. Os indivíduos estão desamparados, e não existem, nem dentro, nem fora dele, valores ou justificativas para seus atos. Cabe a cada ser humano deve inventar suas próprias normas e valores, sendo suas escolhas justificadas apenas por suas ações no mundo.

Para compreender melhor o conceito de desamparo, é interessante notar o relato de Sartre sobre o caso de um aluno que o procurou para se aconselhar (2004, p. 210-214). Seu aluno estava diante de uma situação na qual precisava decidir se iria para a guerra de resistência ao nazismo, deixando sua mãe completamente sozinha, ou se ficaria com sua mãe e não lutaria por seu país e pela humanidade. Sartre observa que o rapaz não encontraria respostas que pudessem auxiliá-lo na escolha, nem na moral de origem religiosa nem em alguma teoria filosófica sobre a moral.

Ele comenta que a moral cristã afirma que devemos amar nosso próximo como a nós mesmos: nesse caso, como o jovem definiria qual próximo ele deveria amar, a mãe que se encontrava sozinha ou a humanidade que necessitaria de seus esforços na guerra? Por outro lado, uma teoria moral como a do filósofo Immanuel Kant (1724-1804) estabelece que os seres humanos devem ser tratados como fins em si mesmos, e não como meios. Esse cenário se mostra ainda mais complexo, pois se o jovem escolhesse tratar a mãe como fim, ficando ao lado dela, protegendo-a, utilizaria os demais seres humanos como meios. Já se escolhesse participar da resistência ao nazismo, reduziria sua mãe a simples meio. Logo, em ambos os caminhos o rapaz não possuía de nenhuma forma uma base que pudesse guiá-lo em sua decisão, justificar antecipadamente sua escolha.

Além disso, Sartre relata que poderiam alegar que pelo menos o rapaz buscou nele, seu professor, uma direção a seguir. Entretanto, Sartre ressalta que, antes mesmo de buscar auxílio do professor, o jovem já saberia qual seria a resposta. Afinal, ele poderia ter consultado, por exemplo, um amigo ou um padre. O conselho de Sartre: você é livre, escolha. Nesse sentido fica evidente que o rapaz estava desamparado, e que somente sua ação rumo à mãe ou à resistência determinaria o que para ele era o mais importante em sua existência. Aliás, todos estamos desamparados e, portanto, somos inteiramente responsáveis pelas nossas escolhas.

Dessa forma, o filósofo declara que os seres humanos estão sozinhos e sem auxílio no mundo, dependendo unicamente de si mesmos para efetuarem suas escolhas. De acordo com Sartre:

[...] Se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que legitimem a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (2004, p. 209).

Nesse sentido, Sartre se apresenta como aquele que conseguiu levar o ateísmo até as últimas consequências, ao escolher um caminho que vai na contramão dos pensadores que o antecederam. Estes, ainda que negassem a existência de um Deus, tentaram criar uma moral universal a ser seguida por todos os seres humanos, algo que Sartre não admite. Para Sartre, afirmar que Deus não existe significa, automaticamente, negar qualquer tipo de moral preestabelecida., implica constatar os vínculos entre angústia e desamparo em sua imanência à existência humana.

### 3 Liberdade, angústia e desamparo na criação do ato moral

#### 3.1 A condição humana

O exemplo, relatado por Sartre, do jovem que o procurou em busca de aconselhamento em face de seu dilema – priorizar os cuidados com a mãe ou se comprometer com a luta contra o totalitarismo – é emblemático acerca de ética existencialista desse filósofo.

A resposta do filósofo ao rapaz é coerente com sua concepção existencialista. Ele afirmou que somente o rapaz deveria criar para si o caminho certo a seguir, caminho que só se afirmaria no ato de sua escolha. Se escolhesse estar com sua mãe, significaria que o amor filial prevalecia sobre a devoção ao seu país; e se, ao contrário, escolhesse lutar na resistência, o seu amor por seu país se demonstraria maior. Sartre acrescenta que, antes de procurá-lo, o jovem já sabia o que esperava ouvir dele, quer dizer, a própria definição da pessoa com quem se busca conselho indica a escolha de um caminho na construção individual da decisão moral (Sartre, 2004, p.210-214).

Dessa forma, constrói-se o argumento sartriano segundo o qual a moral deve ser inventada por cada indivíduo em particular. Não há verdadeiros parâmetros externos que guiem as condutas humanas, e o ser humano individual pode contar apenas consigo próprio para decidir. Tampouco é possível recorrer previamente a uma espécie de cálculo racional de sentimentos. Nos termos de Sartre:

Por outras palavras: o sentimento constrói-se através dos atos praticados; não posso, portanto, pedir-lhe que me guie. O que significa que não posso nem procurar em mim mesmo a autenticidade que me impele a agir, nem buscar numa moral os conceitos que me autorizam a agir. (2004, p. 212).

Isto posto, Sartre descreve o conceito de desespero, também presente em sua teoria existencialista. O desespero aparece quando o ser humano se dá conta de que é totalmente livre para escolher, mas que essa liberdade é limitada pelo contexto de cada situação específica e que não é possível controlar todos os desdobramentos de suas ações no mundo. A liberdade realiza-se em situações sociais concretas e nas relações com outros seres humanos, ou melhor, no plano da intersubjetividade.

O existencialista, ao admitir sua liberdade, é necessariamente obrigado a admitir a liberdade de todas as outras pessoas que experimentam a existência, e, por admitir este fato, entende que sua liberdade interage o tempo todo com a liberdade de seu próximo. Por exemplo, alguém é inteiramente livre para se casar caso escolha o caminho da monogamia, mas para isso

dependo do aceite de seu pretendente, pois este é igualmente livre para negar sua proposta. Essa intersubjetividade da liberdade é característica da condição humana

Sabemos que Sartre rejeita a noção de natureza humana, predominante na história da antropologia filosófica, conforme destaca o trecho seguinte, extraído do artigo *O conceito de liberdade no existencialismo sartriano*:

Tradicionalmente o homem era concebido como um ser com determinações prévias, teria individualmente uma história traçada pela qual atingiria seu fim como ser humano a partir desse “plano”, o que pode ser exemplificado pelas doutrinas cristãs, que elegem um deus-arquiteto do ser e a existência humana como uma espécie de “teste”, no qual o indivíduo, ao final, de acordo com a conduta, chegará ao paraíso ou ao inferno. (Borges et. al., 2009, p. 14).

O existencialismo descarta o pressuposto de determinações prévias no ser da humanidade, abandona o conceito de natureza humana. Por outro lado, Sartre entende que há uma condição humana (2004, p.222-224). Dessa maneira, o ser humano, ao existir, está condicionado a certos aspectos que balizam a liberdade de sua existência. Trata-se do que o filósofo define como universalidade da condição humana.

Ao assumir que existe uma condição humana universal, Sartre explica que há elementos comuns que se impõem a todos os seres humanos em suas existências. Essa condição envolve aspectos objetivos, como o fato de todos os seres humanos serem mortais, a necessidade de trabalhar para garantir sua subsistência, o pertencimento a uma determinada família e classe social, e a inserção em contextos socioculturais específicos.

Dessa forma, ainda que os seres humanos sejam totalmente livres para fazer suas escolhas, essa liberdade sempre se exerce nos limites de situações fáticas. Por exemplo, as condições da liberdade existencial certamente variam entre um senhor feudal medieval e um proletário na sociedade capitalista.

Apesar de as situações fáticas estabelecerem os limites possíveis das ações dos indivíduos sobre suas próprias existências no mundo, os contextos não determinam o que eles são. Os contextos são apenas o ponto de partida na construção de si pelos seres humanos existentes. Alguns enfrentarão mais obstáculos para colocar em prática seus empreendimentos, outros menos. No fim das contas, não importa quais fatores se impõem sobre os seres humanos, mas sim como eles os interpretam e reagem a eles: é isso que determina o que eles são, o que está além da realidade imposta.

Desse ponto de vista, Sartre declara que esses limites no interior dos quais vigora a liberdade existencial não são rigorosamente objetivos nem subjetivos: são simultaneamente

objetivos e subjetivos (2004, p. 222). São objetivos porque estão postos pela realidade o mundo, e são subjetivos porque são os seres humanos, enquanto existentes, que lhes conferem significados e constroem seus modos de ser e seus projetos se apropriando dos elementos concretos do mundo.

Sobre essa universalidade da condição humana em sua interpenetração de objetividade e subjetividade, Sartre escreve:

Por condição [os pensadores] entendem mais ou menos distintamente o conjunto dos limites *a priori* que esboçam a sua situação fundamental no universo. As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. Mas o que não varia é a necessidade para ele de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal. Os limites não são nem objetivos nem subjetivos, têm antes uma face objetiva e uma face subjetiva. Objetivos porque tais limites se encontram em todo o lado e em todo o lado são reconhecíveis; subjetivos porque são *vividos* e nada são se o homem não os viver, quer dizer, se o homem não se determina livremente na sua existência em relação a eles. (2004, p. 222).

Essa universalidade da condição humana se situa na compreensão da ação dos seres humanos em qualquer parte do mundo: é possível que alguém que viva de forma totalmente distinta de outra pessoa, em outro país ou cultura, e ainda assim compreenda os empreendimentos dessa pessoa por meio da face objetiva da existência que partilham entre si.

Nesse aspecto, a universalidade humana garante a cada um dos seres humanos de um local ou de uma época ter suas ações compreendidas por outro, com base nas informações recebidas sobre o contexto histórico, social e econômico em que tais ações foram realizadas. Ademais, isso não implica que uma ação específica definirá um ser humano ou a humanidade na totalidade para sempre, pois qualquer empreendimento pode ser entendido, recriado ou ignorado a qualquer tempo.

Por conseguinte, enquanto escolhemos qual será nosso projeto individual, definimos igualmente o modelo de universalidade que esperamos de toda a humanidade, já que nossas ações no mundo podem ser tanto compreendidas quanto replicadas por outras pessoas; logo, a responsabilidade sobre cada projeto de ser humano é também uma característica expandida ao universal (2004, p. 223-224). É nesses termos que se situa a ética existencialista sartriana.

### **3.2 A existência e o compromisso moral**

Nesse contexto, o existencialismo sartriano prega que o ser humano deve escolher e agir em direção àquilo a que se propõe, e o ser humano será exatamente aquilo que fizer de si. Portanto, terá que lidar com a angústia que antecede cada escolha, com o desamparo de ter que

escolher sozinho e sem sinais ou auxílio que definam a melhor escolha, com o desespero por ter de escolher apenas entre os possíveis e com a total responsabilidade proveniente de toda escolha que fizer.

Uma vez que o ser humano não é determinado por nenhuma natureza que o defina previamente, ele é livre para constituir-se da melhor forma possível. Dessa forma, segundo Sartre (2004, p. 220), a filosofia existencialista se mostra mais positiva que outras ao defender que ninguém nasce mal, nem bom, nem covarde ou herói, mas coloca à disposição dos seres humanos a condição de construírem-se tal como se propõem.

Como indicamos no início deste trabalho, Sartre sugere que talvez seja pelo seu otimismo que o acusam, já que para a maioria das pessoas é mais confortável pensar que exista um determinismo em vez de assumir sua porção de responsabilidade diante de escolhas, decisões e compromissos.

Nesse aspecto Sartre argumenta que o fato de os indivíduos serem os autênticos autores de suas decisões morais não significa que eles façam isso levianamente, visto que o existencialismo não considera somente a radical liberdade existencial dos seres humanos para inventar suas decisões morais, mas também a sua total responsabilidade sobre aquilo que promovem com suas escolhas. Angustiados e desamparados, os seres humanos, conforme ressaltamos anteriormente, escolhem não somente a si mesmos com suas ações: é como se eles legislassem por toda a humanidade, estabelecendo uma visão de como deveriam agir todos os seres humanos.

Sartre, então, compara a criação da moral com a criação das obras de arte<sup>6</sup> para demonstrar que, assim como o artista constrói suas obras livremente sem que o julguem de nenhuma forma, do mesmo modo os seres humanos são livres para inventar suas decisões, sem parâmetros externos que prescrevam os conteúdos de suas ações no mundo.

Nas palavras de Sartre:

O mesmo acontece no plano moral. O que há em comum entre a arte e a moral é que, nos dois casos, existe criação e invenção. Não podemos decidir de causas a efeitos o que devemos fazer. Penso ter deixado esse ponto suficientemente claro ao contar a história do aluno que me procurou e que poderia ter recorrido a qualquer moral, a kantiana ou qualquer outra, que não encontraria nenhum tipo de orientação: foi obrigado a inventar sozinho a sua lei. (2004, p. 226).

---

<sup>6</sup> Sartre ressalta que a utilização dessa analogia não implica a redução da ética à estética. Sua intenção é exclusivamente ilustrativa, mantendo a distinção entre esses dois domínios distintos da filosofia, sem confundí-los.

Outrossim, Sartre acrescenta que, pela ótica de sua filosofia existencialista, é possível que se julguem reciprocamente as ações dos indivíduos no mundo, justamente porque sua teoria faz questão de enfatizar a total responsabilidade por cada ação dos seres humanos no mundo. Isso ocorre porque, quando os seres humanos escolhem, suas escolhas abrangem toda a humanidade.

Em síntese, Sartre, em *O existencialismo é um humanismo*, procura esclarecer de forma didática em que consiste o existencialismo e, por meio de exemplos palpáveis, tenta demonstrar que, diferentemente do que julgavam os cristãos e os marxistas, o existencialismo é a filosofia da ação, ao colocar sobre os seres humanos a necessidade de agir. É otimista, já que crê que o ser humano não nasce pronto, mas constrói a si em suas escolhas, bem como se solidariza com os outros, pois a plena liberdade de um indivíduo envolve reconhecer a liberdade dos demais. Conceitua-a, então, como a filosofia da escolha e da responsabilidade, considerando que a existência precede a essência.

### Considerações finais

A questão central que serviu de fio condutor para a presente pesquisa foi: de que modo se entrelaçam a angústia e o desamparo na noção de liberdade existencial proposta por Sartre? Diante deste questionamento, buscamos entender a relação entre esses conceitos e de que forma ambos mobilizam os seres humanos na liberdade de seus percursos existenciais.

No decorrer da pesquisa, observamos que a liberdade, para Sartre, é fator constituinte da existência humana. Os seres humanos, como vimos, não possuem uma essência predefinida, mas, isto sim, constroem suas subjetividades por meio de suas escolhas. Dessa forma, a liberdade não é apenas uma opção entre outras, mas uma condição que se impõe como uma condenação. Diante disso, surge a angústia como um sentimento inevitável ao notar-se a ampla liberdade e a percepção da responsabilidade que a acompanha.

Os seres humanos, ao se darem conta de que são os únicos responsáveis por suas decisões e de que essas decisões não envolvem apenas a construção de si, mas também delimitam um ideal universal, experimentam um estado intenso de angústia. Entretanto, este não é um estado que impossibilita a realização da liberdade, mas é parte importante dela, visto que é a partir deste desconforto existencial que os seres humanos são impulsionados a agirem e refletirem sobre seus atos.

Já o desamparo reafirma a condição de liberdade total. Sartre afirma que, se Deus não existe, não há valores ou normas previamente estabelecidas que sirvam de farol para guiar os seres humanos em suas escolhas. Nesse sentido, o indivíduo está desamparado, sem nenhuma referência externa que o conduza ao melhor caminho ou justifique suas atitudes no mundo. Mas disso não decorre que os seres humanos estejam entregues à barbárie, sem nenhuma moral ou ética. Pelo contrário, isso possibilita que cada ser humano seja legislador de toda a humanidade, sendo totalmente responsável por cada norma à qual decidir se submeter.

O exemplo do aluno de Sartre, citado em *O existencialismo é um humanismo*, representa o dilema moral ao qual, segundo ele, todos os seres humanos estão sujeitos. Mesmo em situações-limite, não há certezas garantidas a cada escolha. É justamente a partir da ação que construímos seu significado. Por exemplo, só posso dizer que amo algo ou alguém se minhas escolhas exprimirem esse amor; sem ação, não há significação.

Desse modo, a articulação entre a angústia e o desamparo se mostra inseparável da liberdade existencial. Conclui-se que, para Sartre, liberdade, angústia e desamparo não são exatamente atributos da existência humana, constituindo, isto sim, a própria existência, os seres humanos em sua condição de existentes. Nesses termos, explica-se a construção de uma ética

existencial. Essa ética compreende a intersubjetividade da liberdade, a responsabilidade que abrange o universal perante cada escolha e o engajamento com o projeto de ser no mundo.

Por fim, Sartre propõe uma visão, ainda que difícilíssima, que promove um otimismo perante a existência, pois situa o ser humano diante das diversas possibilidades de ser protagonista de sua história e operar como agente transformador por meio de ações responsáveis e conscientes.

**Referências bibliográficas**

BORGES, A. et. al. **O conceito de liberdade no existencialismo sartriano**. Akropolis, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 13-20, jan./mar 2009.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 2004.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.